

OLHE
ALI UMA
TOUTINEGRA

UM embaixador mais... embaixadoral não gostará desta embaixada; não tem aquêlê ar solene, aquêles salões imensos da embaixada de Madri, ou Buenos Aires, ou Santiago não é palácio nem palacete. É uma casinha moderna, feita por um razoável arquiteto suíço sem muita imaginação, mas com senso de conforto, e que teve o mérito de poupar uma árvore que havia no terreno e dá graça a tudo. Não sei o nome da árvore que, honrando a primavera, está florida êstes dias; não é sensacional, pois as flôres são brancas esverdeadas; será uma acácia ou uma mimosa, não sei. Sei nome de poucas árvores. Mas o que me incomodava era não saber o nome dos passarinhos; isso me incomodava. Passarinho é uma coisa viva, colorida e móvel, ruidosa e com temperamento, feito mulher. Você de repente vê uma mulher bonita; leva aquêlê choque; mulher bonita incomoda, faz a conversa da roda ficar sem sentido, as pessoas pensando uma coisa e dizendo outra; mulher bonita é sempre uma perturbação. Mas se você sabe o seu nome pelo menos fica mais aplacado, menos desprevenido diante do mistério da beleza; ela deixa de ser uma aparição, entra na vida civil, é afinal uma pessoa como as outras, capaz de ter um irmão bêbado e um mau funcionamento de rins; enfim, deixa de ser deusa, é uma cidadã — pelo menos até certo ponto.

Passarinho também me dá vontade de perguntar — “quem é, como se chama?” — pois, uma vez sabendo o nome, a gente fica mais à vontade perante o passarinho, tem uma ilusão de ter de certo modo quebrado essa distância infeliz que há entre o ser humano e o passarinho.

O pior é que, vendo e ouvindo êsses passarinhos estrangeiros, eu

não podia deixar de sentir que o estrangeiro era eu — o bárbaro, o intruso, o que não sabe o nome das pessoas da terra. Vinguei-me escrevendo a uma querida amiga: “aqui há muitos passarinhos e tôda manhã cantam, mas é uma pena, cantam em puro árabe...”

Agora estou mais reconciliado; já disse que há sabiás; naturalmente há também pardais e andorinhas. Com o “Guia de Campo de las Aves” em punho, descobri que aquela cambaxirrinha que saltita na moita pode ser chamada de carriça, embora tenha o nome feroz de *troglodytes*; o pássaro prêto de bico amarelo é o melro legítimo, aquêlê do Guerra Junqueiro, o *turdus merula*, ruidoso e jovial, irmão prêto do sabiá, primo do nosso “vira” e da nossa graúna; uns outros côr de canário-da-terra, porém mais cheios de corpo, são verdilhões; aquêles dois pardos, um de cabecinha preta, outro de cabecinha côr de ferrugem, que ora fazem “tec-tec” ora gorjeiam bonito, ah, êsses eu já conhecia de nome, de velhos romances, e tive o maior prazer em lhes ser apresentado: são um casal de toutinegras. E um casal sério, pois, ao contrário de tantas outras aves, o macho é que é mais sóbrio, tem a cabecinha escura, enquanto a fêmea chama mais a atenção com seu boné vermelho. Infelizmente até hoje um dêsses ainda não apareceu quando tenho visita de brasileiro em casa. Estou esperando, só para ter o gôsto de dizer, com um ar muito natural, como se desde menino eu não conhecesse outro bicho: “olhe ali uma toutinegra...”

Nesse dia, sim, eu me sentirei dono da minha casa e do meu quintal, merecedor de ouvir pela manhã, sem remorso, a cantoria dos meus passarinhos.